

ANÁLISE DO POEMA *BIOGRAFIA*, DE MIA COUTO E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA E A LITERATURA MOÇAMBICANA

Thiago Henrique Sampaio¹

Resumo: Mia Couto é um dos maiores expoentes da literatura em língua portuguesa e também das literaturas africanas em tempos contemporâneos. O moçambicano tem acumulado sucesso em suas empreitadas linguísticas e recebido prêmios e elogios de toda a comunidade acadêmica, intelectual e também daqueles que interagem com sua obra. Neste trabalho, o objetivo será analisar o poema *Biografia*, presente em sua obra *Poemas Escolhidos*, de forma a contextualizá-lo frente às interpretações literárias e também historiográficas a respeito da África. Para tanto, traçar-se-á uma leve biografia do autor e de sua obra, para compreender sua trajetória e suas influências. Em seguida, o objetivo é compreender o contexto histórico da obra de Mia, junto da história e do momento presente de Moçambique. Por último, contidos os elementos citados o poema será analisado sob a luz de suas letras, teorias e contextos.

Palavras-chave: Mia Couto; Moçambique; Literaturas Africanas de Expressão portuguesa.

ANALYSIS OF THE POEM “BIOGRAPHY”, BY MIA COUTO AND ITS RELATIONS WITH THE HISTORY AND LITERATURE OF MOZAMBIQUE

abstract: Mia Couto is one of the most important writers in portuguese and also in africa’s literature on these days. the mozambican has a lot of success in his whole work, winning prizes and compliments from all academic and intelectual communities and also from those who met his work. in this paper, the aim is to analyze the poem *biografia*, which is on his book *poemas escolhidos*, understanding how it gets in front of literature and historic comprehensions about africa. to do that, it will be necessary to know couto’s life story and talk about his work. after this, the goal is settled to understand historical context present on all of his books and also the actual times in mozambique. at last, once has a general knowing about his life and carreer, it will be possible to analyze the poem itself, under historical, linguistic and literature analyses.

Keywords: Mia Couto; Mozambique; African Literatures in Portuguese.

Uma breve biografia de Mia Couto

Nascido Antonio Emílio Leite Couto, veio ao mundo na cidade de Beira, em Moçambique, na data de 05 de julho de 1955. Apesar de moçambicano nato, sua família descende de emigrantes portugueses. Seu pai, Fernando Couto, já era conhecido como jornalista e poeta, frequentando os círculos intelectuais de seu país e também se alçou como autor, lançando dois livros, mas não teve muito sucesso nesta empreitada. (BORGES, 2017)

Muito jovem, com catorze anos, Mia Couto já publicava seus primeiros poemas, através do jornal Notícias da Beira. Apesar da pouca idade, decidiu-se pela produção de poesia, embora, posteriormente, também adentraria na seara da prosa, que lhe traria sucesso literário. (BORGES, 2017)

¹ Doutorando em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP.

VARIA

Aos dezessete anos, em 1972, mudou-se de Beira para Lourenço Marques, onde foi estudar medicina. Apesar dos estudos na área da saúde, dois anos após sua chegada no novo município, já se enveredava pela área jornalística. Com a independência de seu país, tornou-se repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique, depois da revista semanal Tempo e, por último, do Jornal de Notícias, função que exerceu até 1985, quando resolveu abandonar a carreira jornalística, ainda aos trinta anos. (BORGES, 2017)

Após deixar a carreira jornalística de lado, Mia Couto resolveu retomar os estudos, reingressando na Universidade de Eduardo Mondlane, mas, dessa vez, não optou pela medicina, e sim pela biologia, se tornando um especialista na área de ecologia. Inclusive, prossegue como titular da cadeira de Ecologia em alguns cursos desta Universidade até os dias atuais. (BORGES, 2017)

Seu trabalho em biologia volta-se à pesquisa de zonas costeiras, onde, por meio da compilação e catalogação de mitos, lendas e crenças populares, atua na gestão tradicional dos recursos naturais. (BORGES, 2017)

Também se tornou empresário, com a criação da empresa Impacto Ltda., em que realiza consultoria e avaliação de impactos ambientais.

Teve atuação no processo de independência de seu país, tendo sido membro da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. Borges (2017) descreve que:

Como jornalista foi militante da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO - inclusive é um dos autores do Hino Nacional Moçambicano. Foi diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) e formou ligações de correspondentes entre as províncias moçambicanas durante a guerra civil no país. Também foi diretor da revista Tempo até 1981 e atuou no jornal Notícias até 1985. (p. 19)

O próprio Mia Couto descreve um pouco de seu momento mais atrelado à FRELIMO. Diz o autor que:

Eu consegui fazer um jornalismo engajado, a serviço da revolução, e isso eu fiz com grande dedicação. Hoje reconheço que havia muita coisa que não faria novamente, mas essa foi uma entrega de alma num período muito ético da história do nosso país, quando estávamos reconstruindo uma nação embriagados por uma causa. Depois houve um divórcio entre aquilo que era prática e o discurso, e pedi para sair do governo (COUTO apud BORGES, 2017, p. 20)

Todo este entorno é importante para a compreensão da própria definição de Mia Couto como escritor, posto que é tido como um “escritor da terra”, de forma a vincular sua preocupação com o ambiente através de seus escritos, não só no sentido literal, mas também no sentido figurado, pois:

VARIA

[...] escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a própria natureza humana na sua relação umbilical com a terra. A sua linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos, confere-lhe um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das coisas. Cada palavra inventada como que adivinha a secreta natureza daquilo a que se refere, entende-se como se nenhuma outra pudesse ter sido utilizada em seu lugar. As imagens de Mia Couto evocam a intuição de mundos fantásticos e em certa medida um pouco surrealistas, subjacentes ao mundo em que se vive, que envolve de uma ambiência terna e pacífica de sonhos – o mundo vivo das histórias. Mia Couto é um excelente contador de histórias. (FENSKE, s/a)

Sua obra, inclusive, proporcionou-lhe o fato de ser o único escritor africano membro da renomada Academia Brasileira de Letras, sendo eleito “Sócio Correspondente” em 1998, como sexto ocupante da cadeira de n. 5, cujo patrono é Dom Francisco de Sousa, que antes de Mia fora ocupada apenas por intelectuais portugueses.

Mia Couto figura atualmente como o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no globo terrestre, sendo um dos autores estrangeiros mais vendidos também em Portugal. Já teve suas obras traduzidas em mais de vinte países e algumas delas adaptadas para os palcos de prestigiados teatros e também com versões para a sétima arte: o cinema.

Dentre os reconhecimentos que angariou sobre sua obra, destacam-se as comparações à Gabriel Garcia Márquez e Guimarães Rosa, o prêmio Vergílio Ferreira, em 1999, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas, em 2007, o Prêmio Camões, em 2013, e a escolha de seu romance *Terra Sonâmbula* como um dos dez melhores livros africanos do século XX.

Mia Couto e sua Obra

O autor tem uma vasta bibliografia que percorre entre crônicas, contos, poesias e romances. Também tem alguns livros voltados para a literatura infantil.

Integrante do que se conjura como literatura contemporânea, sua literatura está marcada pelo movimento pós-independência ocorrido em Moçambique, quando era um jovem.

Sua literatura também ficou conhecida por marcas latentes, impostas pelo seu estilo único de escrito. Nesse sentido, João Teixeira e Rosilda Bezerra (2012) apontam que:

A obra de Mia Couto pauta-se numa convivência com a tradição, as histórias e modos de ser dos moçambicanos, esses desfilam pelas suas narrativas caracterizando o autor em questão como sujeito comprometido com uma literatura nacional tecendo seus discursos voltados aos temas da nação, do passado colonial, da posição feminina na sociedade, das histórias dos mais velhos entre outros temas ambientados num espaço em trânsito: pois, costumes diversos e culturas também diversificadas convivem no caótico ambiente em que tradição e modernidade andam em tensões e trânsitos identitários. (p. 1)

VARIA

Algumas características ressoam em sua produção literária e uma das mais importantes - e quase uma marca registrada do autor - é o uso de neologismos, ou seja, a criação de novas palavras. Mia é um mestre no tocante à invenção de novos termos para definir sentimentos e eventos cujos significados ainda não tenham sido expressidos pela língua portuguesa.

Nesse sentido, Orquídea Ribeiro e Fernando Moreira (2019) apontam que, certa vez:

Em “Escrevências desinventosas”, Mia Couto brinca com a sua opção de escrita, ironizando sobre a própria linguagem, plena de neologismos e inovações que incomoda(ra)m as instituições e os padrões estabelecidos. O autor recebeu uma ordem que proibia a invenção de palavras. A este pretexto escreveu esta crônica, aproveitando para inovar e recriar novos vocábulos, enquanto reflete sobre a ordem, referindo que a “palavra descobre-se, não se inventa” (COUTO, 1998a, p. 163). O texto de pouco mais de duas páginas é rico em recriações linguísticas, mostrando como a imaginação e a oralidade permitem a inovação (p. 143, 144)

Além disso, sua produção literária também tem como fundamento o realismo fantástico, corrente literária que se consagrou em vozes como Borges e Garcia Márquez, cujo objetivo é apresentar situações realistas da sociedade através de eventos fantásticos, cuja definição se encontra, quiçá, melhor detida na família Buendía e suas nuances na Macondo de *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel Garcia Márquez.

Também se encontra na obra de Mia Couto um resgate das tradições e uma busca da identidade nacional moçambicana, pois, como se viu, o autor nasce e passa sua juventude entre a independência de Moçambique e a guerra civil que se inicia logo após este marco histórico.

Nessa seara, aponta Borges (2017) que:

O fim da Guerra Civil veio ressignificar a identidade nacional moçambicana, com reconhecimento da diversidade cultural, da pluralidade, das etnias, das tradições e das lideranças locais, dos chefes das tribos e suas idiossincrasias. Estas mudanças significativas tiveram reflexo não só na organização das sociedades, mas também na produção cultural e na literatura do país. Mia Couto é uma das grandes representações dessa ressignificação, como há de se comprovar em seu romance de estreia, “Terra Sonâmbula”, publicado em 1992, e cuja narrativa trata da Guerra Civil e suas consequências (p. 22)

Em Mia Couto também é possível falar da oralidade, como bem postam Teixeira e Bezerra (2012), atrelada ao desenvolvimento social. Sustentam, pois, que:

O escritor em questão ao fazer essa recolha da oralidade, faz na língua daquele que colonizou seu país, ao criar a partir de uma matriz linguística diferenciada dos idiomas falados em seu país, se compromete num processo de reinvenção da língua portuguesa fornecendo elementos para a compreensão do sociocultural moçambicano. (p. 1)

VARIA

De suas linhas também transbordam questões multiculturais, mormente pelas africanidades passadas em sua vivência e pelos elementos de colonização que figuram presentes e enraizados em sua vida, principalmente a língua portuguesa, que usará para tecer suas histórias e sentimentos.

Pode-se falar também de uma literatura política em muitos de seus livros, em que trata da figura da mulher e também do idoso, mas com diversos planos de fundo que abordam a história moçambicana e suas raízes culturais, além dos sentimentos humanos, como o amor, a raiva, a tristeza e a alegria.

Entre seus livros publicados, cabe destaque para *Terra Sonâmbula* (1992), vencedor de diversos prêmios e aclamado pela crítica, onde conta a história de um garoto e um velho que, nos percalços da guerra civil moçambicana, encontram refúgio em um ônibus abandonado e, desse ponto em diante, descobrem nuances da guerra civil e da história do garoto, além das experiências e vivências do velho.

Borges (2017), inclusive, aponta que Mia figura como elemento proeminente no pós-guerra civil moçambicana, posto que sua voz é uma das mais importantes na busca por uma identidade de Moçambique e de seu(s) povo(s). Nesse sentido, diz que:

[...] a literatura moçambicana tomou para si a responsabilidade de reescrever a história sob a ótica do povo africano. O texto literário africano nega a legitimidade do colonizador e valoriza o universo local. A obra de Mia Couto, conseqüentemente, faz parte deste processo libertário de construir e consolidar uma identidade nacional moçambicana, com a expressão das narrativas que representam a cultura e o seu povo, sempre com forte apelo político-social. (p. 22)

Em *Vozes Anotecidas* (1987), Couto traz contos que misturam o real e o fantástico através de vozes pouco usuais, distantes dos grandes acontecimentos que ocorriam a seu tempo. Foi a primeira obra que o alçou ao sucesso.

Sua produção, contudo, não se resume às duas obras, mas a inúmeras e importantíssimas obras que incidem em três esferas: a história e produção intelectual de Moçambique, a literatura em língua portuguesa e a literatura mundial, como um todo.

Até o presente momento, Mia Couto já lançou mais de trinta livros, variando entre estilos difusos, mas sempre deixando sua competente marca. João Ubaldo Ribeiro, importante escritor brasileiro, corrobora com os elogios ao moçambicano, dizendo que o mesmo é “sem dúvida, um dos escritores mais importantes da língua portuguesa”.²

² Comentário feito pelo autor brasileiro da entrega do Prêmio Camões ao moçambicano, em 2008. Disponível em: <<https://www.jn.pt/artes/joao-ubaldo-ribeiro-elogia-escolha-de-mia-couto-para-premio-camoes-3243042.html>>

Moçambique: independência, guerra civil e esperança

A nação, situada no sudeste africano, só foi conhecer de sua independência no ano de 1975. Contudo, sua história remete a tempos muito mais longínquos, tempos de suas raízes africanas e também tempos de colonização portuguesa.

A esse respeito, Omar (2022) aponta que:

Moçambique, é um país que tem a sua história marcada por um processo de colonização efectuado por Portugal durante cerca de 500 anos. Durante todos esses anos o Governo colonial procurou de todas as formas esmagar a história local do povo moçambicano especialmente no ensino partindo do princípio que este povo precisava passar por um processo de civilização e criar uma nova história aliada a uma nova identidade. Para tal fez-se valer da política de missão civilizacional que visava transformar os “indígenas”/moçambicanos em europeus de pele negra. (p. 39)

Portanto, apesar de sua matriz africana, a terra e o povo de Moçambique sofreram um processo civilizador de sua metrópole por praticamente cinco séculos, onde foi imposto o idioma, características culturais e sociais, além da exploração tanto social quanto dos recursos contidos no território africano.

Todavia, a pluralidade de povos e etnias africanas presentes na então colônia, promovia dificuldades em uniformizar a colonização. Segundo demonstram Chauma e Alves (2019):

[...] os grupos étnicos moçambicanos eram divididos em regiões e sub-regiões nomeadas da seguinte forma: ao norte do rio Zambeze encontra-se o macro-grupo Chewa, no qual existem os seguintes subgrupos: macua-lomué. Localizados no norte da Zambézia e sudeste de Niassa encontram-se os Macondes. Em Cabo Delgado estão os Ajauas, os Yao, os Chewas e os Nianja. Em Niassa³ e parte de Tete⁴ são localizados os Chuabos, na Zambézia. Ferreira (1982) também argumenta que a região central, mais para a margem sul do Zambeze, está o macro grupo Chona, e lá existem como subgrupos; os Senas e Ndaus. Na parte da Zambézia e Tete, os Nhungués, sendo a localização dos chona, em Manica. No sul do Save, estão grupos de mobilidades originários dos Rozwi, o segundo reino que se forma, a partir da decadência do grande Zimbabwe, o macro grupo Tsonga⁵, e existem ali os Changanas, em Gaza e Maputo, os Rongas, em Maputo, os Bitongas e Chopsi, povos localizados também em Inhambane (p. 3)

Não obstante, verifica-se uma pluralidade ainda maior na região central de Moçambique, o que se vê como consequência das grandes mobilidades sociais que ocorreram no período das guerras que formaram os grandes impérios do sul da África. (CHAUMA E ALVES, 2019)

VARIA

Assim, Moçambique passou por séculos de colonização portuguesa ao passo que lidava com sua própria pluralidade étnica, causando estranhamentos, resistências e dificuldades nas relações entre a colônia e os diversos povos que habitam o território.

Vale ainda salientar que Moçambique figura como uma das últimas nações a conseguir sua independência, tendo ocorrido apenas em 1975, já no último quarto do século XX, em processo que alcançou também outras colônias portuguesas como Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

Esse movimento de independência moçambicano veio após praticamente uma década de conflitos organizados pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Contudo, estes conflitos acabaram pondo os moçambicanos frente aos seus próprios conterrâneos, posto que, ainda nos anos 1960, Portugal, enquanto metrópole, traçou uma estratégia de gradualmente ceder espaço nas forças de defesa de Moçambique para os moçambicanos, com menos soldados nativos de Portugal. (CABAÇO, 2007)

Em questão de números, Correia (apud CABAÇO, 2007) aponta que:

Em Moçambique, onde o recrutamento local foi sempre mais significativo, [o número de africanos na FA] atingia já os 42,4% em 1965 (primeiro ano completo da guerra). A porcentagem desceu depois até 1967, face ao incremento dos reforços da metrópole, mas iniciou no ano seguinte uma progressão ascendente, ultrapassando os efetivos metropolitanos em 1971 e atingindo o máximo de 53,6% em 1973. (p. 359)

Dessa forma, o conflito que viria a promover a independência da nação opunha moçambicanos contra os próprios moçambicanos, praticamente já se criando o terreno para a guerra civil que se instalaria pouco após a independência.

De fato, a independência de Moçambique ocorre em 1975, com a vitória da FRELIMO frente às tropas portuguesas – ou seriam moçambicanas? -, impondo a libertação da nação africana após séculos de colonização, embora pagando o preço do sangue de seus próprios cidadãos.

O primeiro presidente da nova nação seria Samora Machel, um dos revolucionários que liderou todo o conflito pela independência moçambicana, cuja ação inicial foi estabelecer um Estado unipartidário e voltado para princípios marxistas.

A FRELIMO, entretanto, não tinha uma formação homogênea. Pelo contrário, haviam fortes dissidências internas. Nesse aspecto, Furquim (2017) demonstra que

[...] a FRELIMO desde seus primórdios possuía dissidências internas, pelo fato de duas correntes mais evidentes existirem dentro do partido: uma de caráter marxista e outra de caráter pan-africanista. O caráter heterogêneo das diversas visões de mundo foram aumentando as dissidências dentro do partido com o decorrer do tempo. A primeira corrente, de caráter marxista, visava

VARIA

primordialmente a instalação de um pensamento socialista que suscitaria na modernização da sociedade e na consolidação de um Estado-nação moderno, que poderia fazer com que o país se inserisse numa melhor situação econômica, principalmente aos olhos dos países exteriores. Uma outra questão é a de que neste pensamento ao assumir essa corrente, o país poderia se desvencilhar do pensamento e dos modos políticos portugueses. A outra vertente de pensamento se apoiava nas questões do pan-africanismo, movimento em favor da luta de libertação dos negros contra os brancos, instaurada nas colônias do “Novo Mundo” desde o século XIX, e mais forte na África a partir de 1950. Nesse pensamento, todos os postos de administração estatal deveriam ser entregues aos negros, e não mais aos brancos, aderindo a um movimento de integração de toda a África, entretanto permaneceria o mesmo tipo de organização do governo (p. 667)

Doravante, a corrente socialista prevaleceu, angariando um projeto de poder que visava um rompimento com algumas tradições vistas, pelos novos governantes, como arcaicas e ultrapassadas, devendo ser, no campo das ideias, substituídas por um ideal de *homem novo*, moderno e recipiente das ideias de seus tempos, atreladas à própria experiência moçambicana. (FURQUIM, 2017)

O próprio marxismo da FRELIMO seria, de certa maneira, cadenciado pela experiência dos moçambicanos. Nesse cenário, Furquim (2017) demonstra que

Antes mesmo da independência pode-se observar que já haviam quadros dentro da FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana, doravante FRELIMO) que aderiam a essa forma de pensamento, apontando para questões intrínsecas que não estavam diretamente ligadas a condição de dependência de Moçambique em relação à União Soviética ou a China após a independência. Com a formação da FRELIMO, majoritariamente formada pela elite moçambicana que estudou fora do país, houve o interesse em técnicas ideias e instrumentos do “mundo moderno”, que deveriam ser dominados para combater os interesses coloniais. (p. 667)

Ou seja, o interesse maior se pautava em construir uma luta pela independência ao invés de se consolidar com um regime de esquerda, embora a corrente marxista, como vimos, tenha sido preponderante dentro do partido.

Esse período de efervescência cultural e de maturação política nos alicerces das estruturas da luta pela independência que provavelmente caracterizam o uso do termo *embriagados* por Mia Couto, visto no início deste artigo, ao falar de seu envolvimento nesta seara.

Outros projetos almejados pela FRELIMO incluíam pautas feministas, com um papel mais importante da mulher no seio da sociedade, com promoção de espaços para as mulheres dentro do projeto de poder, que seriam encabeçados, principalmente, pelo Destacamento Feminino da FRELIMO. Não obstante, Santana (2016) aponta uma melhora significativa no papel da mulher dentro da FRELIMO, entretanto, ainda com uma visão da mulher como

VARIA

instrumento para procriação e companheirismo ao marido, no que resta uma visão ainda machista, muito embora sejam elencados avanços em relação à situação anterior. (SANTANA, 2016)

Contudo, ao conseguirem efetivamente o poder haveriam diferenças entre o discurso e as ações. Um elemento a se destacar é no campo do direito, onde a visão da FRELIMO era de abarcar uma interpretação estritamente política do direito, instituindo, além de juízes formados, juízes que eram nomeados por sua influência em uma região, de forma que pudessem aplicar a justiça que vinha do Estado, sem muitas preocupações com a forma ou o método. Dessa forma, combateram questões tradicionais vinculadas às religiões, como a poligamia e a prática do lobolo. A ideia do *homem novo* da FRELIMO não poderia abarcar superstições e rituais, o casamento, para ser reconhecido, devia ser civil, o religioso não contava mais para o Estado. Assim, tais ideias secularistas foram ganhando espaço gradualmente, em um lento aparelhamento que ocorria através das ideias – e da força, quando necessária. (FURQUIM, 2017)

No que se refere às mulheres, como vimos, embora tenham adquirido maior protagonismo e também ocupado espaços que antes eram majoritariamente masculinos, a visão ainda se pautava, de certa forma, em um machismo mais velado, com proibição de opinarem a respeito de algumas querelas, além de uma percepção de que o papel maior da mulher era ainda no espaço privado, como mãe e esposa. (SANTANA, 2016)

A ideia de Estado unipartidário de tendências marxistas levou à guerra civil, opondo os partidários da FRELIMO, no poder, com grupos anticomunistas centrados na Resistência Nacional Moçambicana, a RENAMO. Assim, mal nascia a nação independente, já se afundava em uma guerra civil opondo novamente seus próprios cidadãos, devastando o país socialmente e também acarretando inúmeras dificuldades econômicas para o jovem país. Neste contexto, Fernando (2021), aponta alguns fatores que levaram a RENAMO ao estopim da guerra civil:

De acordo com as palavras de Afonso Dhlakama, o presidente em exercício da RENAMO desde 1979, a guerra civil em Moçambique foi endossada e justificada pela falta de clareza na Proclamação da Independência e a implementação do governo por parte da FRELIMO, que não ia de acordo com a realidade, isto é, se a FRELIMO não pautasse pela arrogância e crueldade, a RENAMO não teria espaço para atuar e nem existiria, porque a população não encontraria o motivo para apoiar a guerrilha. E a RENAMO viu essa maneira como sendo uma traição aos objetivos da formação da frente de libertação de Moçambique, e o legado da independência desde 1962 por Eduardo Modlane. Isto é o “descontentamento de uma parte substancial da população rural, sobretudo do centro norte do país, em relação às políticas da ditadura socialistas da FRELIMO e ao seu modo de execução” (ESTATUTOS da RENAMO 1989), isso fez com que o movimento tivesse um grande apoio da

VARIA

população dessa região e atingisse mais de 20.000 guerrilheiros sem precisar de recrutamento compulsivo (p. 200)

A guerra civil moçambicana também teve um caráter regional, posto que os movimentos revolucionários e os governos dos países vizinhos à Moçambique, de alguma forma, envolveram-se com o conflito no país do sudeste africano e vice-versa. É notório, por exemplo, que o governo moçambicano, encabeçado pela FRELIMO, procurou apoiar o grupo de Mandela na África do Sul em tempos de *apartheid*.

Os conflitos perdurariam até 1992. Narram Lamas e Bueno (2021) que:

Em 4 de outubro de 1992, o então presidente de Moçambique e líder da Frelimo, Joaquim Chissano, e o já falecido líder da Renamo, Afonso Dhlakama, assinaram o Acordo Geral de Paz (AGP) que pôs fim a esse conflito armado que durou 16 anos. Apesar de o 4 de outubro, celebrado como o dia da Paz e da Reconciliação, oficialmente marcar o fim da guerra entre a Frelimo e a Renamo (1976-1992), este também pode ser visto, de uma forma mais ampla, como representando o fim de uma era de violência direta e de conflito armado. Ao iniciar-se na esteira da Luta Armada de Libertação Nacional contra o colonialismo português, o conflito entre a Frelimo e a Renamo dá, neste sentido, continuidade à guerra que soma no total aproximadamente 28 anos. (p. 110)

Como resultado deste sangrento e longo embate, as estatísticas apontam cerca de um milhão de mortos, sem contar feridos e também as sequelas causadas pelos crimes de guerra cometidos por ambos os lados durante o conflito. (OCI, 2021)³

Mia Couto será uma importante voz sobre os efeitos da guerra civil na memória de seu país. Suas obras terão também a finalidade de acrescentar sua visão sobre a história de Moçambique, a partir da sua experiência e das vozes de seus personagens. Dessa feita, Lamas e Bueno (2021) mostram que

Mia Couto usa o presente para tratar do passado, ao chamar atenção para algumas raízes do conflito civil, ao mesmo tempo em que retrata como esse passado passa por processos de memorialização através da construção e da reprodução de diferentes narrativas acerca do mesmo. Por um lado, as autoridades da Frelimo retratam a guerra civil como uma extensão da guerra de agressão externa, inicialmente liderada pela Rodésia, e depois continuada pelo regime do Apartheid na África do Sul, ou, de forma mais simples, uma guerra de desestabilização. Por outro lado, ao caracterizar a guerra civil como uma batalha pela democracia, a Renamo enfatiza o elemento interno da mesma, nomeadamente como uma resposta violenta desencadeada pelo regime autoritário pós-independência da Frelimo com suas políticas repressivas. Ao fazer referência inúmeras vezes ao longo do livro aos “bandidos armados” (ex-guerrilheiros da Renamo) ou mesmo aos “Matsangas”⁹ — “designação pela qual são conhecidos os bandidos armados” (COUTO, 2008, p. 27) —, Mia Couto retrata uma sociedade em que a

³ Disponível em: <<https://sites.ufpe.br/oci/2021/05/12/decapitacoes-de-criancas-em-mocambique/>> Acesso em dez. 2022

VARIA

narrativa da Frelimo ou da guerra de desestabilização, em que os ex-combatentes da Renamo são caracterizados como bandidos armados, era e continua a ser dominante (p. 123)

Em 1992, finalmente, um tratado de paz é assinado entre os dois lados combatentes, selando uma frágil retirada de ambos das lutas armadas e partindo para o plano político. O final da guerra traria alívio para os moradores moçambicanos, finalmente dando fim às mortes arbitrárias de suas famílias.

Todavia, entre 2013 e 2018, conflitos entre os grupos voltaram a ocorrer, embora dessa vez, de forma menos acentuada. Em 2019, há novamente tratativas pra acabar com eventuais hostilidades, resultando em sempre frágeis acordos que, como castelos de cartas, podem cair a qualquer momento.

É nesse universo caótico, sangrento e triste que Mia Couto insere sua história de vida, escrevendo sobre sua vida, seu país, sua terra, seus antepassados, em obras que saem de sua própria essência e se entrelaçam com a própria história e com o denso imaginário de uma nação.

O poema *Biografia*, de Mia Couto

O poema *Biografia*, de Mia Couto, se encontra presente no livro *Poemas Escolhidos*, cuja publicação no Brasil se deu pela Companhia das Letras, lançada sua primeira edição no ano de 2016.

Trata-se de uma coletânea de poesias de autoria de Mia Couto, selecionadas pelo próprio autor para publicação.

A apresentação da obra fica por conta de José Castello. Este, um renomado escritor, jornalista e crítico literário brasileiro, já tendo vencido o prêmio Jabuti – o maior prêmio literário brasileiro – por duas vezes (1994 e 2011), e muito reconhecido pelas biografias de personalidades que escreveu, como Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Pelé e João Cabral de Melo Neto.

Assim, de início já se tem uma apresentação de uma figura gabaritada para tratar de literatura, apresentando um pouco da trajetória literária de Mia Couto e tecendo seus elogios ao autor moçambicano.

O livro então se divide em três partes distintas, *Idades*, com os primeiros catorze poemas, mais voltados para os desafios do tempo e como a vida e sua passagem é passada sob os olhos do autor. A segunda parte se denominou *Cidades*, com mais catorze poemas, desta vez voltados para a vida na cidade e os elementos urbanos e históricos a partir da percepção de Mia

VARIA

a respeito deles. Por último, a seção *Divindades*, cujo espaço na obra é maior devido aos 86 poemas contidos. Nesta parte, Mia explora sua própria cosmogonia, sua relação com a história, com a oralidade, com as divindades, o sagrado e o natural, sendo o maior capítulo de seu livro.

A obra comporta aproximadamente 190 páginas, contando folha de rosto, contracapa, dentre outras minúcias literárias, mas inicia seu texto na página onze, com a apresentação de Castello, e se finda na página 186, no último verso do poema *Aprendiz de Ausências*.

Na capa do livro, há uma foto do autor, em preto e branco, com sua face banhada pela luz na face e esquerda e mais sombria na face direita. Um contraste bem ao meio, dividindo sua face em duas vertentes. Mia veste uma roupa escura, provavelmente preta, com um fundo branco e usa óculos sutis, quase imperceptíveis. Seu rosto apresenta uma certa satisfação contida, aguçada por uma curiosidade sempre inerente aos grandes autores. A capa contém os próprios contrastes do autor, seu próprio antagonismo, sua própria infinitude em si mesmo. No canto inferior esquerdo, um retângulo laranja traz o nome do autor e, entre chaves, o nome da obra. Logo abaixo a informação de que foi uma seleção feita pelo autor e que a apresentação tem responsabilidade de José Castello. Abaixo das informações, o tradicional selo editorial da Companhia das Letras. A autoria da foto é de Bob Wolfenson, mas a diagramação da capa ficou por conta de Victor Burton.

Ao fechar o livro, na parte de trás da capa, a popular contracapa, há nova transcrição do poema que analisar-se-á em seguida: *Biografia*.

O poema *Biografia*, além de estar na contido na contracapa, figura na seção *Idades*, que, como vimos, é o primeiro capítulo do livro. Já é o segundo poema, precedido de *Idades* e sucedido por *A primeira vez da idade*.

Presente na página 27 do livro, traz os seguintes versos:

Todo o meu nascer
foi prematuro.

Agora,
em meus filhos
me vou dando às luzes.

Descendo, sim,
dos que hão de vir. (COUTO, 2016, p. 27)

Doravante, o autor divide o poema em três estrofes, sendo a primeira e a última com dois versos cada e a estrofe do meio com três versos, sendo a maior.

VARIA

Sobre poesia, sua própria definição é conflituosa, com inúmeras referências ao seu conceito, todas difusas e, ao mesmo tempo, pertinentes. Goethe diria que a poesia é a “fala do infalável”, Manoel de Barros já preferia dizer que “é voar fora da asa”, enquanto Leminski definia como “a liberdade da minha linguagem”. Mário Quintana dizia que “no fundo, a poesia é isto: a eternização do momento”, por sua vez, Garcia Lorca dizia que se trata “da união de duas palavras que ninguém poderia supor que se juntariam, e que formam algo como um mistério”. (BAPTISTELA, 2020)

De forma mais acadêmica, Eagleton conceituou poesia como:

A poesia é uma imagem da verdade de que a linguagem não é o que nos afasta da realidade, mas o que nos dá o acesso mais profundo a ela. Portanto, não é uma escolha entre ser fascinado com as palavras e apreensivo com as coisas. É da própria essência das palavras apontar para além delas mesmas, de modo que as agarrar como preciosas por si seja também avançar mais profundamente rumo ao mundo a que se referem (apud BAPTISTELA, 2020)

Assim, se tem na poesia o suprasumo da versificação, um espaço onde o autor, livre de amarras estruturais ou das necessidades da prosa, tem a ampla liberdade para criar seus versos e por, em palavras, seus sentimentos.

Pilati (2017), a seu tempo, traz importante descrição sobre a posição do *eu lírico* dentro do poema enquanto voz política ao sustentar que

uma voz criada no poema se exprime no poema revelando um “conjunto de valores, individuais ou coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens”. Daí podemos extrair ao menos um elemento importante: mesmo quando um poema está propagandeando o particularismo intenso de uma voz, isso se faz enquanto expressão de um conjunto de valores que atesta o laço muitas vezes tenso entre essa voz e a comunidade a que ela pertence. Encontramos aí, portanto, um âmbito político para a expressão lírica: a voz poética, ao enunciar-se, localiza-se socialmente, compromete-se e resiste à dispersão reificadora que estrutura nosso olhar cotidiano. O dizer lírico é, por isso, também um gesto de “mapeamento” social, para aludir ao conceito de Fredric Jameson. (p. 73-74)

Além disso, Pilati (2017) também aponta algumas características necessárias para que o poema alcance o que cunhou de eficácia estética, que seria impossível sem a dimensão política. Assim, demonstra que

o poema alcança eficácia estética quando atinge certo grau de superação (no sentido de generalização ou de universalização) da experiência imediata, projetando-se, através da expressão coerente de uma vivência que se deseja estendida à perenidade e tensionada poeticamente em termos supraindividuais. A dimensão política estaria presente num poema exatamente pela (e não apesar da) intensificação de sua força particular ou individual. É esta força que lança o poema (sua forma, sua técnica, seu assunto) para além das contingências que motivaram sua criação. Sua matéria política é

VARIA

inextricável de sua dimensão universal, ou seja, de sua dimensão humana e humanizante, que se patenteia pela construção lírica (p. 75)

É possível compreender este caráter na obra de Mia Couto, posto que seus poemas tem um apegos político sutil nas entrelinhas, como será visto neste artigo. Além disso, seus jogos de palavras, neologismos e passeios entre a língua escrita e falada, permitem uma estética diferente, mas sem perder a sua eficácia.

Também se faz importante apontar o uso da poesia – e da literatura – como fonte histórica, posto que a análise a seguir traçará paralelos entre a história de Moçambique e os versos de Mia Couto.

Sobre a poesia enquanto fonte histórica, Sevckenko defenderá que, enquanto o historiador se ocupa da realidade, o escritor se atrai pela possibilidade, mas que é possível que a literatura fale com o historiador, principalmente sobre a história que não ocorreu e as possibilidades não vingadas. O autor sustenta que a literatura é “o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”. (SEVCENKO, 1999, p. 21)

Chartier, um dos grandes pensadores da atualidade, também traça algumas reflexões a respeito da literatura enquanto fonte histórica, apontando que:

as obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce. (1994, p. 09)

Sandra Pesavento é uma autora que destacará importância à literatura enquanto fonte histórica, ao apontar que a literatura serve como pretexto para que o historiador tenha uma nova fonte e, ainda mais, que consiga ver o que até então não viu. Sustenta também que a literatura, enquanto fonte histórica, fornece uma indicação do que cunha de “clima” de uma época, a partir de interpretações textuais e contextuais da obra analisada. (PESAVENTO, 2004, 2006)

A busca, então, ao se observar a literatura pela ótica da história, é compreender a mentalidade de uma época, o que é plenamente possível através das análises históricas. Em Mia Couto, outrossim, será possível compreender as entrelinhas de seus versos, as nuances históricas presentes em sua poesia e, por fim, interpretar sua importância para uma leitura crítica da história de Moçambique.

No poema escolhido, seus primeiros versos dizem “Todo o meu nascer, foi prematuro”.

VARIA

Pode-se conspirar que o eu lírico deste poema de Mia Couto se trata da jovem nação moçambicana, alcançando sua independência em 1975, assim, ao narrar que todo seu nascer foi prematuro, o eu-lírico faz um *mea culpa* de todo o processo conflituoso que levou à independência. Que seu nascimento decorre de muitos riscos e dotado de muita fragilidade, posto que não ocorreu da forma como deveria ter ocorrido.

Sobre o uso do eu lírico por Mia, Micheletti (2018), sustenta que:

Há, desse modo, poemas em que essas relações são declaradas, com referências à realidade do escritor e, em outros casos, as referências são menos diretas, mas, mesmo assim, podem ter algum tipo de implicação entre o eu lírico e o autor. Como, em ambos os casos, permanecem aberturas à interpretação, entende-se que os aspectos autobiográficos, nos poemas analisados, estão no limite entre serem ou não autorizados, isto é, entre serem ou não indicados e, portanto, "permitidos" pelo autor. No conjunto dos textos, destarte, podem-se encontrar as vozes em suas várias assunções identitárias, os vários "eus" (p. 836)

E o mesmo autor também aponta que é recorrente, na obra de Mia, ver o eu lírico representar, de forma subjetiva, a nação moçambicana.

Nesse poema, há um conjunto de motivos espaciais e/ou metáforas que se encontram em outros textos de Mia Couto, como terra, céu, Sol, poeira, aves. Subentende-se que, aproximando as vozes, o eu lírico caracteriza Moçambique – nome não citado –, utilizando a metáfora de terra e céu com a diferença de extensão, havendo uma valorização ambivalente, isto é, positiva (MICHELETTI, 2018, p. 838)

Voltando ao poema, talvez o termo *prematuro* não se encontre como o mais adequado por dar uma ideia de cedo demais, o que não se consubstancia após verificar-se os cinco séculos de domínios portugueses, mas, ao passo que o termo pode ser identificado dessa forma, há de se lembrar de que se trata de um poema, logo, sua interpretação é muito mais extensa do que simples definições de dicionário. Assim, talvez a escolha pelo termo *prematuro* tenha sido no sentido de que a nação nasceu, não podendo, na metáfora, dizer que a mesma ocorre após um aborto e muito menos que ocorre um nascimento comum. É notório que um nascimento prematuro traz diversas dores para a gestante e que, o bebê, ao nascer, corre inúmeros riscos de vida e tem uma fragilidade muito grande se comparado aos bebês que nascem normalmente. Não obstante, metáfora buscada por Mia se envereda em anunciar a jovem nação de Moçambique como prematura no intuito de construir uma figura de linguagem onde a nação consegue sua independência sob alicerces muito frágeis, que tendem a se corromper ou a findar se não for devidamente cuidado. Licença poética mais que permitida, e que antagoniza o sentimento de um nascimento natural, sem grandes consequências, ao nascimento dificultoso, com muitos riscos para todos os envolvidos.

VARIA

Sua profecia acaba demonstrando certa acurácia, posto que o jovem país mal sairia da luta pela independência e já enfrentaria anos de conflitos sangrentos em seu próprio território durante a guerra civil que assolou a nação.

Daí advém a conexão com a segunda estrofe, onde Mia versifica que “Agora, em meus filhos, vou me dando às luzes”

Neste trecho, é possível tecer duas análises, uma se consubstancia na ordem gramatical, quando o autor faz um jogo com o termo de “dar a luz”, popular jargão da língua portuguesa para o nascimento de um novo bebê, assim, dentro da licença poética de sua metáfora, a nova nação moçambicana – partindo do pretexto que o eu lírico é Moçambique -, vai dando a luz aos seus filhos, ou seja, as gerações que nascem após sua independência são efetivamente moçambicanos, livres de quaisquer laços ou amarras com seus colonizadores. Não que as gerações passadas não gozassem desse status, mas, com a independência, de uma vez por todas é finda a exploração colonial portuguesa, corta-se o cordão umbilical desta relação abusiva.

A outra análise se consubstancia também na ordem gramatical, mas desta vez atrelado ao sentido filosófico, com o duplo sentido contido no termo “luzes”, que ao mesmo tempo que pode ter um significado atrelado à raiz da palavra, contido em luz, também tem significado metafórico ligado ao movimento iluminista, que se consolidou historicamente como a base filosófica que viria a culminar na Revolução Francesa e com a ruptura do povo francês com o absolutismo. Dessa forma, ao dizer que “em meus filhos, vou me dando às luzes”, Mia pode estar usando de um instrumento poético para demonstrar que, a partir da independência de Moçambique, há essa alegoria frente ao que ocorreu com os franceses no século XVIII, com a quebra de correntes que, se na França vinculavam o absolutismo ao povo, em Moçambique vincula o colonialismo à jovem nação.

Não obstante, também é possível compreender que o eu lírico fala, nesta estrofe, com seu próprio povo, pois, livre das amarras de seu colonizador, seu povo agora era livre para tecer sua própria história, vivenciar seu próprio trajeto. Daqui se pode tirar que o termo *luzes* pode ter uma conotação de conhecimento, de liberdade e de esperança, pois a nação Moçambicana já deixa claro aos seus filhos que, dali em diante, apenas lhes dará a luz, ou seja, o conhecimento, a razão, a soberania, a sua liberdade.

Por fim, a última estrofe do poema traz os seguintes versos: “Descendo, sim, dos que hão de vir”.

Mais uma vez, o eu lírico, tomado por uma Moçambique, ainda que sem se revelar, traz elementos de sua constituição, de seu nascimento. Há, novamente, um joguete com as palavras

VARIA

escolhidas por Mia, ao dizer que descende do que há de vir, uma certa incongruência linguística, uma vez que apenas podemos descender daqueles antepassados a nós e não aos que virão. Dessa forma, ao encorpar a jovem nação africana em seu eu lírico, Mia trabalha com a magia da interpretação das palavras, trazendo uma explicação a aparente inconsistência de suas palavras: uma nação é forjada e criada por seus cidadãos. Então, Moçambique, em sua aurora da independência, por mais que carregasse elementos de sua raiz histórica, vinha de mais de cinco séculos de colonização. Apenas com a independência, haveria a liberdade de ser quem realmente era, doravante, somente as gerações vindouras poderiam garantir a sua soberania e vangloriar-se de nascerem moçambicanos em um Estado livre.

Também há um certo elemento que permeia entre a memória e a história, uma vez que a história atual, de certa forma, é escrita pelas gerações vindouras, dessa forma, no poema, Moçambique descende daqueles que virão, pois são esses os responsáveis por contar a sua história, por ratificar a sua independência e por tratar da manutenção e da evolução desta nova nação. Assim, uma frase que, à primeira vista, parece paradoxal, se revela, na realidade, uma sutil colocação por parte do autor em compartilhar com as próximas gerações de sua nação a responsabilidade por Moçambique. Neste ponto, Mia pode ter interpretado a história apenas como o fruto de gerações futuras, contudo, dentro dos estudos históricos, se compreende ser plenamente possível fazer uma história do tempo presente, todavia é escuso permitir ao eu lírico do poeta que se expresse dessa forma, para que o verso seja consoante ao seu projeto de poema.

Portanto, finda a leitura do poema, através de um olhar mais crítico, é mister realizar que o eu lírico escolhido por Mia se trata de uma nação, e que, somado ao título biografia e à experiência literária do autor, é certo supor que essa nação seja a sua própria: Moçambique.

A partir daí, é também provável de se imaginar que o poema aborda a questão da independência da nação e da importância que as próximas gerações terão na formação do país, uma vez que, nascido de forma “prematura”, possibilitou às novas gerações – “meus filhos” - que tivessem “luzes” suficientes para construir uma narrativa moçambicana, livre das amarras da colonização e com o privilégio de habitar, a partir de então, uma nação livre e soberana.

Em suma, a bela poesia de Mia Couto mais uma vez mostra elementos historiográficos e metafóricos que conversam com as suas raízes e com as vivências do autor. Além disso, sua marca no jogo de palavras também é recorrente na poesia analisada, trazendo duplos sentidos e interpretações variadas ainda que em poucos versos.

Após a análise do poema, entende-se o prestígio e o reconhecimento que alçaram o autor à fama, posto que consegue, em poucas linhas, ser complexo, profundo e belo. Certamente um

moçambicano iluminado pelas “luzes” e que, com muito empenho e orgulho, colabora para deixar a marca de Moçambique no mundo.

Considerações Finais

Mia Couto se destaca como um dos grandes expoentes das literaturas e das culturas africanas no século XX. Sua obra atinge diversos países e, além de premiada, recebeu traduções para múltiplos idiomas, de forma que elevaram o patamar do autor para um sucesso mundial.

Sua obra, além disso, reflete sua vida. Toda sua experiência vivendo um período crítico da história moçambicana é presente em sua obra, sejam nos seus romances proseados ou em suas belas poesias.

Para além de Moçambique, o autor contribui com uma visão plural da África, trazendo elementos culturais de diferentes tribos e etnias em suas publicações e, o que se tornou uma de suas marcas, flutuando entre a língua portuguesa escrita e falada e os dialetos que conheceu em sua vida.

Mia viveu o período da independência moçambicana e, doravante, sofreu junto com seus compatriotas a terrível guerra civil que se seguiu à independência. Dessa forma, além de autor, é testemunha de toda uma transformação política, cultural, social e econômica que têm ocorrido em Moçambique desde os finais dos anos 1960.

Neste artigo, analisou-se a poesia *Biografia*, presente em uma obra do autor. Foi possível fazer uma interpretação da obra dialogando entre a literatura e a história para compreender como o autor reflete, nesta poesia, sua própria nação como *eu lírico* e, a partir disso, reflete sua própria memória da história contemporânea de Moçambique.

Para isso, inicialmente foi mostrada a trajetória de Mia Couto, desde seu nascimento e o seu histórico familiar, com pai que viveu no meio jornalístico e que se pretendeu autor, até seu crescimento e sua consolidação como um dos grandes autores dos tempos atuais. Em seguida analisou-se o contexto histórico em que Mia estava inserido, com a luta pela independência de Moçambique e os reflexos da vitória da FRELIMO, que resultaram em guerra civil e que deixou marcas indeléveis em Mia, que respingaram fortemente em sua obra.

A obra de Mia Couto se veste de imenso valor para a sociedade, posto que, além de esteticamente agradável, cumpre papel de destaque no tocante a tratar de questões delicadas e que transbordam da sua experiência nacional. Assim, enquanto Mia aborda os reflexos da história de Moçambique e seus povos, também toca em assuntos como o protagonismo

feminino, a discriminação, o racismo, a guerra, a violência e a esperança. Faz, então, uma obra universal, pois seus temas não ficam apenas à experiência moçambicana.

Pilati (2017) narra que:

A lírica é, portanto, realidade “em estado de formação”. Assim, a poesia acontece quando um poema se constrói a sério como artefato autônomo de linguagem que está à altura das exigências de seu tempo, e do que é a genericidade humana profunda de sua contemporaneidade. Quando isso acontece, o poema tem o poder de colocar os homens em contato verdadeiro e universalizante com o mundo a que eles pertencem coletivamente. A esse processo a que a grande arte está vocacionada podemos chamar “desfetichização”. Aludindo a uma conhecida expressão de Antonio Candido, poderíamos dizer que um poema é um “instrumento de autodescoberta e de autointerpretação”. Um poema é, por isso, uma busca pela inteligibilidade do trabalho que o constituiu e, depois, por extensão, da própria realidade à qual se integra e reflete. Tal instrumento é calcado em uma dicção inegavelmente subjetiva. Nos sentimentos que emergem, via linguagem, do fundo desse Eu que é tornado objetivo no poema, podem-se ler as contradições formativas da vida social. Desse modo, quando lemos um poema, ao fruirmos a sua especificidade estética, nos confrontamos com uma forma de conhecimento da realidade, construída e determinada pelas leis de uma harmonia a que historicamente chamamos de “belo”. (p. 76)

A partir de suas reflexões, podemos compreender que a obra de Mia Couto, é bela. Suas palavras não só constroem histórias, mas também servem para uma análise da história, transcendendo seu objetivo primário, de narrador, alcançando um patamar de fonte para a compreensão de suas experiências e dos contextos em que esteve inserido.

Por fim, vimos que no poema *Biografia*, Mia Couto se coloca no lugar de Moçambique, uma terra devastada pela guerra, mas que, vê nas gerações futuras uma esperança. Uma nação que “descende dos que não de vir”, pois são as gerações vindouras que seguirão com a construção da nação que Mia Couto viu “nascer”.

Ao autor, agora na terceira idade, cabe o olhar atento de quem viu e viveu a história, de quem conta histórias e histórias e de quem pode, atualmente, ver o futuro vindouro que esmiuçou há muitos anos, em sua *Biografia*.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTELA, Heberton. *O que é a poesia? 101 definições segundo 101 autores*. [Online]: Fazia Poesia, 2020. Disponível em: <<https://faziapoesia.com.br/o-que-e-poesia-abd6df7fca03>>
- BORGES, Divina A. A. *A literatura e as organizações: a contribuição de Mia Couto para o estudo de ambientes organizacionais críticos*. Brasília: UnB, 2017. Monografia.
- CABAÇO, José Luís de Oliveira. *Moçambique: Identidades, colonialismo e libertação*. São Paulo: USP, 2007. Tese de doutorado.

VARIA

- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1994, 2ª Ed.
- CHAUMA, Sebastião I. M. ALVES, Maria I. A. *Aspectos históricos de Moçambique: a educação e as frentes de colonização*. Congresso Nacional de Educação, 2019. 10p. Disponível em: <<
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA3_ID_10790_14082019150928.pdf>>
- COUTO, Mia. *Poemas Escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 1ª ed.
- FENSKE, Elfi Kürten. *Biografia, Bibliografia e Premiações*. [Online]: Portal Mia Couto. Disponível em: <<https://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>>>
- FERNANDO, Celestino Taperero. *O outro lado da história de Moçambique* in *Revista História em Reflexão [online]*, vol. 15, n. 29, jan/jun. 2021. p. 194-211
- FURQUIM, Fabiane Miriam. O discurso modernizante da FRELIMO e a revista Justiça Popular: as relações entre Estado, violência e modernidade. In *VIII Congresso Internacional de História*. Maringá, 2017.
- LAMAS, Isabella. BUENO, Natália. Moçambique e “uma guerra que parece não ter fim” em Terra Sonâmbula, in *Revista de Ciências Sociais: Fortaleza*, v. 52, n. 1, mar/jun., 2021. p. 109-138
- MICHELETTI, Everton Fernando. Mia Couto: uma estética engajada in *Criação & Crítica*, n. 21, nov. 2018. p. 77-90.
- OMAR, Denisse Kátia Soares. A importância da valorização da história local no ensino de história em Moçambique, in *Revista Espacialidades [online]*, v. 18, n. 1, 2022
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 2ª ed
- _____. História & Literatura. In *Nuevo mundo Mundos Nuevos [online]*, Jan. 2006. Disponível em: <<[História & literatura: uma velha-nova história \(openedition.org\)](https://www.openedition.org)>>
- PILATI, Alexandre. Crise, poesia e política. In *Signótica*. Goiânia, v. 29, n. 1, jan/jun 2017. p. 69-95
- RIBEIRO, Orquídea. MOREIRA, Fernando. Identoralidade(s) em Mia Couto, in *Revista de Letras/ Universidade Estadual Paulista*, São Paulo, v. 59, n. 1, jan/jun. 2019. p. 135-149.
- SANTANA, Cristiane Soares de. O olhar da FRELIMO sobre a emancipação feminina. In. *África(s)*, v. 03, n. 05, jan/jun 2016. p. 157-168
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999
- TEIXEIRA, João Batista. BEZERRA, Rosilda Alves. A literatura de Mia Couto – oralidade e escrita: caminhos, in *GELNE*, Natal/RN, 2012. p. 1-10